

Influenciadoras digitais negras e as narrativas sobre maternidade no Brasil

Black digital influencers and maternal narratives in Brazil

Suellen Yasmin Xavier de Souza¹

Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Campinas/São Paulo

suellen.yxs@puccampinas.edu.br

 <https://orcid.org/0009-0003-9039-7119>

Tarcisio Torres Silva²

Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Campinas/São Paulo

tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0001-9347-7585>

RESUMO: Este trabalho objetiva compreender a transformação das narrativas sobre a maternidade negra na mídia brasileira, com foco na atuação de influenciadoras negras em plataformas digitais, que promovem diversos debates em suas comunidades no cenário contemporâneo. Como método, realizamos revisão bibliográfica sobre a construção histórica da maternidade negra e, por meio do estudo de caso de Gabriela Oliveira, analisamos postagens que revelam como a maternidade é representada em conteúdos publicitários no Instagram, considerando a invisibilidade e a sub-representação das mães negras nesse espaço. Concluímos que há mudanças nas narrativas, agora valorizando suas vivências.

Palavras-chave: Influenciadora digital. Maternidade negra. Publicidade. Redes sociais.

ABSTRACT: This study aims to understand the transformation of narratives about black motherhood in Brazilian media, focusing on the work of black influencers on digital platforms, who promote diverse debates within their communities in the contemporary context. As a method, we conducted a literature review on the historical construction of black motherhood and, through the case study of Gabriela Oliveira, analyzed posts that reveal how motherhood is represented in advertising content on Instagram, considering the invisibility and underrepresentation of black mothers in this space. We concluded that there is a shift in narratives, now valuing their experiences.

Keywords: Advertising. Black motherhood. Digital influencer. Social media.

¹ Graduanda em Publicidade e Propaganda na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista FAPESP de iniciação científica (processos 2023/07108-3 e 2024/16867-8).

² Doutor em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas. Professor pesquisador na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Recebido em: 27/08/2025

Aprovado em: 31/07/2026

INTRODUÇÃO

Compreender a acepção da maternidade e da maternagem³ para as mulheres requer o entendimento dos processos políticos, econômicos e culturais que permeiam todas as sociedades. Em particular, é necessário pontuar relações sociais e padrões de violência e poder complexos que impactam os vínculos e as oportunidades de acesso.

Em termos históricos e culturais, a maternidade tem carregado significados, sentidos e desafios distintos para as mulheres, o que desafia os pressupostos universalistas aplicados às experiências maternas. Além disso, vale destacar que a idealização do amor incondicional e do instinto materno, caracterizados como aspectos ínsitos da maternidade, foram desenvolvidos e consolidados nos discursos sociais e políticos das sociedades (Damaceno et al., 2022). Isso resulta na negação de vivências plurais e contribui para a manutenção do sistema patriarcal.

Essa negação é ainda mais evidente quando se considera a diferença no direito ao exercício da maternidade, construída por sistemas estruturais que se sustentam na discriminação de determinadas características sociais, como raça e classe socioeconômica. Para as mulheres negras nas Américas, por exemplo, essa iniquidade social é fundamentada nos processos de escravização e colonização no continente. Tais regimes contribuíram para a negação dos laços maternos dentro das comunidades negras, visto que essas famílias não eram sequer reconhecidas como grupos familiares.

Nesse contexto, ao analisar a maternidade por meio da

³ A maternidade é definida pelo vínculo materno estabelecido entre mãe e filho, enquanto a maternagem é determinada pelo conjunto de cuidados físicos e emocionais destinados às crianças.

interseccionalidade⁴ (Akotirene, 2019), é fundamental compreender que, embora todas as mulheres enfrentem as violências do sistema patriarcal, as formas e padrões de violência são historicamente distintos para mulheres brancas, negras e indígenas. Ana Oliveira (2015) esclarece isso ao destacar que as experiências maternas variam de acordo com o contexto social e político no qual o indivíduo está inserido, pois essas realidades não são igualitárias, “nem nos direitos conquistados na prática nem nas relações de opressão entre uma e outra” (2015, p. 66).

A partir disso, reconhecemos que as violências históricas perpetuadas em épocas passadas continuam a exercer uma influência contínua sobre as relações sociais contemporâneas e sobre o contato das mulheres com a maternidade. Tal constatação se justifica pela natureza dinâmica das estruturas opressivas, as quais se adaptam às características e demandas das classes dominantes ao longo do tempo. Essa observação se revela particularmente relevante quando direcionada à construção de representações no imaginário social acerca da maternidade negra (Bueno, 2020).

Ao demarcar a posição social em que se encontram as mães negras, Winnie Bueno (2020) destaca que imagens estereotipadas, consolidadas em períodos passados em diversas esferas sociais, exercem um impacto prejudicial na formação da subjetividade dessas mulheres, ao mesmo tempo em que contribuem para a negação de sua cidadania. Para a autora, os estereótipos que permeiam as representações sociais das mães negras não apenas refletem, mas também contribuem para a manutenção de um sistema de dominação estrutural, cujo propósito é tanto controlar a fertilidade quanto negar o acesso à maternidade dessas mulheres. Nessa dinâmica, tais estereótipos atuam visando suprimir qualquer possibilidade de justiça ou conquista da emancipação por parte das mulheres negras.

Afastadas da qualidade de sujeito, Patricia Hill Collins (2016) argumenta

⁴ Termo que explora como a interseção de diversas dimensões sociais, como raça, gênero, classe e outras, pode resultar em diferentes formas de opressão e, consequentemente, experiências variadas. Esse conceito possibilita a compreensão das discriminações e violências sociais em sua totalidade – não de forma isolada, mas interconectadas. Nesse sentido, permite análises que consideram contextualizações sociais, estruturas dinâmicas e identidades culturais (Akotirene, 2019).

que, apesar dessa realidade, essas mulheres carregam o status de *outsider within*, termo utilizado para descrever uma posição que está simultaneamente dentro e fora dos espaços dominantes. A autora explora o conceito a partir da contradição presente no trabalho doméstico, no qual mulheres negras muitas vezes atuavam como empregadas domésticas nas casas de famílias brancas. Embora elas estivessem envolvidas na vida cotidiana dessas famílias, ainda estavam fora do círculo social privilegiado delas. Como resultado dessa posição dupla, Collins (2016) argumenta que as mulheres negras desenvolvem uma perspectiva única capaz de desafiar as normas e as estruturas dominantes, de forma a questionar as hierarquias sociais de poder ao refletir sobre os sistemas que regem os padrões identitários, familiares e sociais.

Nesse sentido, a posição de *outsider within* contribui para a autoafirmação e empoderamento de mulheres negras, possibilitando que elas se posicionem como agentes de mudança em relação à sua própria identidade. No contexto da maternidade, essa mudança paradigmática é entendida como um elemento contribuinte para a manutenção dos vínculos maternos entre mães e filhos, os quais não se fundamentam nas narrativas estereotipadas acerca de suas relações, rejeitando-as como representações verdadeiras.

Na contemporaneidade, a construção e promoção de novas narrativas sofre grande influência do digital. As mídias sociais, impulsionadas pelo fenômeno dos influenciadores digitais, atuam como espaços para compartilhamento de experiências e perspectivas. Por ser constituída de símbolos e representações, a mídia opera de forma complexa na propagação de referências que moldam a percepção da realidade cotidiana (Silvertone, 2005), o que indica um espaço relevante na luta contra a hegemonia cultural das imagens e representações.

Neste estudo, buscamos compreender como influenciadoras digitais negras estão engajadas em redefinir e atribuir novos significados às narrativas maternas. Assim, selecionamos a influenciadora Gabriela Oliveira (@gabidepretas) para analisar como algumas mudanças podem ocorrer por meio das novas práticas interativas no contexto digital. Mãe solo de dois filhos adotivos, a criadora de conteúdo é reconhecida por fomentar diálogos sobre

maternidade e autoestima em sua comunidade digital. Ela já participou de ações ativistas com a Avaaz e a ONU Brasil, além de possuir uma palestra no TEDx intitulada “Um novo olhar sobre a pessoa negra: novas narrativas importam”⁵.

A escolha metodológica que conduz o desenvolvimento deste estudo está na revisão bibliográfica, focando especificamente nos debates teóricos e críticos do feminismo negro para compreender a construção da maternidade negra no contexto colonial. Nos posicionamos, nesse sentido, no centro de uma perspectiva que historicamente tem sido invisibilizada, mas que é fundamental para o entendimento de experiências e desafios moldados pelas dimensões de raça e gênero. Como destaca Patricia Hill Collins (2019), o pensamento feminista negro, enquanto teoria social crítica, atua em prol da justiça – não só para mulheres negras, mas para outros grupos socialmente marginalizados.

Além disso, também buscamos destacar dados de fontes secundárias sobre a saúde de mulheres negras, considerando o impacto significativo de determinadas violências na experiência da maternidade. Com isso, focamos este trabalho no contexto sociocultural brasileiro.

Para explorar, no Instagram, o perfil da influenciadora selecionada, escolhemos a análise de conteúdo como abordagem. Essa é uma metodologia sistemática aplicada para analisar materiais textuais ou visuais, permitindo a compreensão do conteúdo e do contexto dos dados que constroem a mensagem. Essa abordagem, de natureza empírica e exploratória, envolve a criação de um sistema de categorias para codificar o conteúdo do material, o que pode incluir temas, conceitos ou outras unidades de análise relevantes. A partir do material analisado, obtemos a inferência, que envolve a extração de conclusões e interpretações (Barros; Duarte, 2006).

Com isso, esperamos compreender melhor como as influenciadoras negras, por meio das mídias digitais, atuam na promoção de novas narrativas para mulheres negras. Para tanto, é relevante ressaltar a construção histórica de suas experiências e como elas marcam a violência física e simbólica contra seus corpos atualmente.

⁵ Disponível em: https://youtu.be/FYg-vQwm3Lo?si=5QXPEuuatYSk_IL2.

1 MULHERES NEGRAS E A MATERNIDADE

A pesquisa “Nascer no Brasil: inquérito nacional sobre o parto e o nascimento”, realizada pela Fiocruz, oferece dados significativos para o entendimento das experiências de parto e do acesso à maternidade no país. Segundo o estudo, mulheres negras enfrentam maior incidência de partos pós-termo (após 42 semanas), menor uso de anestesia e analgesia durante o parto, menos consultas no pré-natal e desrespeito ao direito de acompanhante. Além disso, em suas jornadas para o parto, é apontado maior peregrinação e violência obstétrica (ENSP-FIOCRUZ, 2025; Leal *et al.*, 2017).

Os dados preliminares da segunda edição do estudo, referentes a 2022, ainda indicam que a mortalidade materna entre mulheres negras é duas vezes superior à das mulheres brancas. Enquanto o número de mortes para mulheres brancas foi de 46,56 para cada 100.000 recém-nascidos, para as mulheres negras foi de 100,38, como aponta o Ministério da Saúde (2023). Esses dados, embora recentes, são consequências de períodos e contextos históricos de violência, exploração e discriminação, que continuam a influenciar a percepção do corpo e da fertilidade das mulheres negras.

Para aprofundar a compreensão dessas questões, Luara Paula Vieira Baia (2020) destaca dois momentos fundamentais ao refletir sobre a experiência da maternidade entre mulheres negras: o período da escravidão, que impactou profundamente a subjetividade dessas mães, e o pós-escravidão, identificado pela autora em torno de 1970 nos Estados Unidos e 1980 no Brasil. Nos Estados Unidos, por exemplo, a proibição do tráfico internacional de pessoas escravizadas reforçou a percepção do corpo da mulher negra como mercadoria. A reprodução foi utilizada como método para garantir a expansão do número de indivíduos escravizados, ignorando qualquer vínculo materno ou qualidade de sujeito dessas mulheres (Bueno, 2020; Davis, 2016). Essa realidade histórica e social contribuiu para a percepção do corpo feminino negro como um instrumento, desconsiderando sua posição como mãe.

Baia também recorre ao pensamento de bell hooks (2000, *apud* Baia,

2020) para argumentar que o período da escravidão teve implicações nas dimensões objetivas e subjetivas da população negra, impactando as dinâmicas das relações entre mães e filhos. O contexto, marcado pela violência contra as mulheres negras, influenciou diretamente os vínculos e os aspectos emocionais dessas relações. A intelectual norte-americana nos traz o seguinte questionamento: “Num contexto onde os negros nunca podiam prever quanto tempo estariam juntos, que forma o amor tomaria?” (hooks, 2000, p. 190).

Para Patricia Hill Collins (2019), essa subjugação imposta às mulheres negras no período escravista fomentou a criação de imagens e símbolos que carregavam justificativas ideológicas para a manutenção dessa exploração, de forma a culpabilizar essas mulheres por sua condição social. A autora utiliza o termo “imagens de controle” para descrever o conjunto de símbolos e representações estereotipadas que buscam estabelecer concepções discriminatórias sobre a feminilidade e a maternidade negra, além de posicionar tais ideias no plano do “natural”.

Esse processo, social e imagético, que visa mitigar sistemas históricos de dominação, opera por meio da lógica do pensamento binário. Para Collins (2019), essa lógica estabelece categorias sociais fundamentalmente opostas e que só funcionam a partir da diferença – branco e preto, masculino e feminino, cultura e natureza, por exemplo –, mas nunca como “complementares homólogos”. Nesse sentido, a autora argumenta que “um elemento é objetificado como o Outro⁶ e visto como um objeto a ser manipulado e controlado”, o que fortalece a política de dominação historicamente imposta (2019, p. 77).

Uma das imagens de controle mais conhecidas é a da *mammy*, que retrata a figura de uma trabalhadora doméstica negra caracterizada pelos estereótipos de submissão, devoção e amor à família branca. No contexto sociocultural

⁶ O grande Outro (escrito com letra maiúscula) se refere a uma construção psicanalítica presente na ordem simbólica do mundo. O Outro pode ser compreendido como a totalidade dos sistemas de significação, normas sociais, figuras de autoridade, linguagem e cultura que influenciam a formação do sujeito e de sua subjetividade. No contexto racial, o Outro é visto como uma figura fora das normas e padrões simbólicos dominantes, sendo marcado pela diferença. Ao abordar as relações entre indivíduos brancos e negros, Frantz Fanon argumenta que “para o branco, o Outro é percebido no plano da imagem corporal, absolutamente como o não-eu, isto é, o não-identificável, o não assimilável. Para o negro, mostramos que as realidades históricas e econômicas devem ser levadas em consideração” (2008, p. 141).

brasileiro, uma representação clássica dessa figura está na personagem literária “Tia Nastácia”, da obra de Monteiro Lobato. Machado e Coêlho (2022) ainda acrescentam que, considerando que a origem histórica dessa imagem está no período escravista, é possível estabelecer uma conexão entre essa representação e as amas de leite escravizadas do período colonial.

No Brasil, as amas de leite e mucamas eram mulheres negras escravizadas responsáveis por determinadas funções nas casas de famílias brancas. Além das tarefas domésticas que desempenhavam, essas mulheres, muitas vezes relegadas à invisibilidade de suas subjetividades, também eram encarregadas de atividades relacionadas ao cuidado e à maternagem. Lélia Gonzalez (2020), intelectual e ativista do feminismo negro, argumenta que foram essas imagens que deram origem à figura da mãe preta no cenário brasileiro.

A imagem da mãe preta foi construída em torno do mito da obediência e da subserviência em relação à sua condição. Nas palavras de Gonzalez, ela é retratada como um indivíduo “que passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu segundo a maneira cristã” (2020, p. 198). A autora ainda destaca que a empregada doméstica atual é uma expressão moderna dessas figuras, pois ainda visa limitar o lugar da mulher negra na sociedade. Além disso, essas imagens também funcionam como uma das justificativas para o mito da democracia racial, o qual sugere uma suposta harmonia racial no Brasil.

Para Lélia Gonzalez, essa representação, enraizada no imaginário social brasileiro, está longe de definir a realidade das mulheres negras. Na verdade, a mãe preta teria um papel essencial na desconstrução da narrativa de embranquecimento da cultura brasileira, visto que, como sujeito suposto saber⁷, foi responsável pela africanização da linguagem e da cultura, dando origem ao “pretuguês” na formação sociocultural do país. Esse processo, destaca Gonzalez, seria fundamental para a preservação cultural da população negra. Como coloca a autora:

⁷ Conceito do pensamento lacaniano, refere-se à tendência de atribuir a certas figuras, como pais, professores ou outras “autoridades”, um conhecimento superior e, por vezes, quase onisciente. Por meio de identificações imaginárias e idealizações, o sujeito assume os valores dessa figura (Gonzalez, 2020).

Ela, simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra. Se assim não é, a gente pergunta: quem é que amamenta, que dá banho, que limpa cocô, que põe pra dormir, que acorda de noite pra cuidar, que ensina a falar, que conta história e por aí afora? É a mãe, não é? Pois então. Ela é a mãe nesse barato doido da cultura brasileira. [...] E quando a gente fala em função materna, a gente tá dizendo que a mãe preta, ao exercê-la, passou todos os valores que lhe diziam respeito pra criança brasileira (Gonzalez, 2020, p. 87-88).

Em termos culturais, vale destacar que a maternidade assume diferentes significados de acordo com o contexto étnico no qual está inserida. Isso indica que, na verdade, as maternidades – no plural – não estão essencialmente dispostas na lógica da cultura patriarcal eurocêntrica. A partir da análise das epistemologias decoloniais e do feminismo negro, Miléia Santos Almeida (2022) nos convida a refletir sobre a construção política e cultural das maternidades subalternas, caracterizadas como aquelas marginalizadas pelo colonialismo. A autora argumenta que a diversidade no exercício da maternidade e da maternagem foi descredibilizada devido à imposição do poder e da matriz de dominação colonial. No contexto da América Latina, sobretudo do Brasil, esse processo foi responsável pelo etnocídio dos povos africanos e indígenas.

A autora nos traz a obra de Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2016, *apud* Almeida, 2022), pesquisadora e socióloga nigeriana, que destaca a maternidade a partir da cultura iorubá, considerando a ideia de “matripotência” e o significado da categoria sócio-espiritual Ìyá. Oyěwùmí (2016) explica que Ìyá carrega um papel central como “co-criadora da prole”, e sua vigilância é considerada essencial para garantir o bem-estar físico e espiritual. Sua identidade não está vinculada à paternidade, uma vez que os pais não marcariam presença na criação. Dessa forma, está distante das concepções patriarcais ocidentais.

Bueno (2020) ainda ressalta que, entre os fatores que negam a diversidade de vivências, está a negação de estruturas e dinâmicas familiares diversas dentro das comunidades negras. O pensamento feminista negro enfatiza que, para as mulheres negras, a experiência subjetiva da maternidade não segue a estrutura patriarcal que atribui à mulher o papel de cuidadora e ao homem o papel de provedor. Ao invés disso, a maternidade para elas está

profundamente ligada às comunidades, influenciadas pelos sistemas socioculturais em que estão inseridas.

A diversidade de significados atribuídos às maneiras de maternar subverte os padrões normativos impostos pela sociedade, contrariando a imposição de uma maternidade universal ou estereotipada. Mulheres negras e de diferentes culturas têm desafiado ativamente esses padrões, reivindicando suas próprias narrativas e construindo espaços de empoderamento e autonomia a partir de suas experiências.

2 MATERNIDADE NEGRA NO DIGITAL

Ao analisar as escrevivências de mulheres negras no Instagram, Edilene de Cássia Jerônimo (2023) argumenta que essas mulheres utilizam a plataforma como uma ferramenta para promover um novo olhar sobre a maternidade negra, agora a partir de uma perspectiva afrocentrada. Segundo a autora, as publicações realizadas na rede social abrangem fenômenos políticos, sociais e culturais que afetam as mães negras, possibilitando que elas se posicionem ativamente na construção de novas memórias, percepções e discursos por meio do espaço digital. Nesse sentido, o Instagram é posicionado como um local que “facilita e amplia o apoio a diversas pautas relevantes para a comunidade negra e para as mães” (2023, p. 23).

Dada a importância das ferramentas de comunicação, as redes sociais se transformaram em espaços relevantes para romper o silenciamento enfrentado pelas mulheres negras. No ambiente digital, elas podem compartilhar suas demandas, experiências e particularidades de diversas esferas sociais. Nathaly Fernandes (2019) defende esse pensamento ao argumentar que esses espaços criam uma vasta rede de informações através da produção de conteúdos que refletem as perspectivas das mulheres negras.

Esse tipo de conteúdo é frequentemente produzido por influenciadoras digitais. Por publicarem determinados materiais com frequência, elas têm uma influência significativa que lhes permite se comunicar com um grande público. Issaaf Karhawi (2017) nos convida a compreender que, além de incentivar a

compra de produtos das marcas parceiras, os influenciadores digitais também são capazes de fomentar debates e introduzir temas relevantes em seu nicho específico.

Um exemplo de influenciadora que atua nesse sentido é Gabriela Oliveira (@gabidepretas). Nascida no estado do Rio de Janeiro, a comunicadora social e criadora de conteúdo ganhou destaque por seu ativismo digital focado na valorização da mulher negra e na promoção de diálogos sobre questões étnico-raciais. Em parceria com outra comunicadora, ela apresenta o podcast Afetos (@afetospodcast), que aborda inseguranças, autoestima, relações inter-raciais e outras temáticas relevantes. Além disso, Gabriela é autora do livro “Cartografia dos afetos: uma conversa sobre vivências, descobertas e os caminhos do autoamor” (Oliveira; Vieira, 2022).

Com o objetivo de compreender os principais temas abordados pela influenciadora mencionada, realizamos uma análise de seu conteúdo no Instagram. Para isso, focamos exclusivamente nas publicações no formato *Reels*, pois este é frequentemente utilizado para interações com comunidades digitais e parcerias com marcas. Além disso, foram consideradas publicações realizadas entre março de 2022 e fevereiro de 2024, totalizando um período de dois anos. Este intervalo considera o cenário amplo das novas representações, interações e pautas progressistas no ambiente digital, que contextualizam a discussão aqui apresentada.

Sendo assim, após a análise de 106 vídeos em seu perfil, organizamos o conteúdo em 8 categorias distintas – *publicidade, maternidade e família, rotina e lifestyle, reflexões, aleatoriedades, beleza, eventos e conteúdo externo* –, que organizam o conjunto das práticas discursivas e performativas desenvolvidas pela influenciadora no Instagram.

As publicações que envolvem parcerias comerciais, presentes na categoria *publicidade*, trazem promoções de produtos e diálogos com o mercado publicitário, compondo uma camada importante de sua presença profissional na plataforma. Em outra direção, conteúdos voltados à *maternidade e à família* apresentam a dimensão íntima da criadora, marcada por cenas do cotidiano com os filhos, lembranças de sua própria trajetória e conversas sobre a experiência

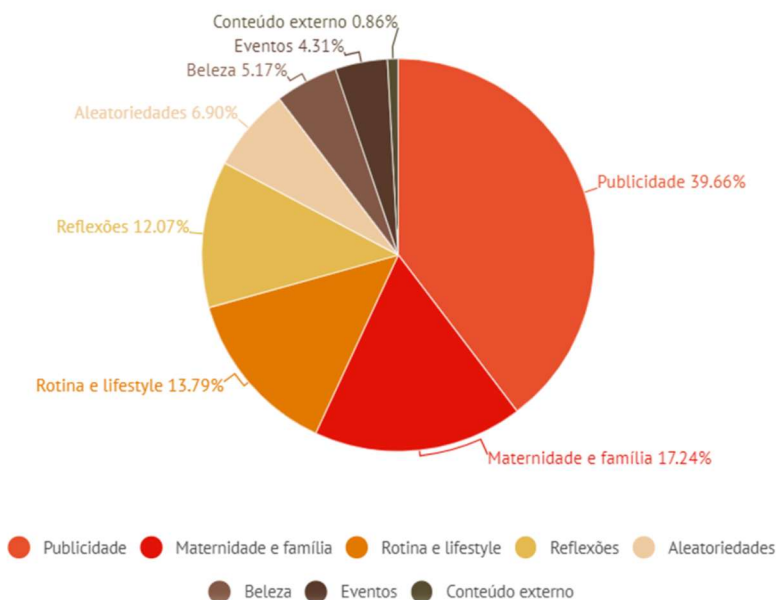
de maternar.

Outras publicações organizam-se em torno de aspectos de *rotina e lifestyle*, apresentando hábitos diários, modos de organizar a casa, momentos de lazer e práticas que compõem atividades cotidianas da influenciadora. Há também vídeos dedicados a *reflexões*, nos quais ela mobiliza temas sensíveis – autoestima, raça, relações afetivas e vivências pessoais – como forma de instaurar conversas com sua comunidade.

Conteúdos mais esporádicos ou sem encaixe temático preciso aparecem como *aleatoriedades*, e funcionam como pausas dentro da narrativa do perfil, enquanto publicações em *beleza* destacam maquiagem, cabelos, roupas e transformações estéticas. A presença em *eventos* culturais ou artísticos, assim como o compartilhamento de *conteúdos externos*, nos indica a circulação da influenciadora em diferentes redes e colaborações.

Gráfico 1 – Temáticas das publicações de Gabriela Oliveira

Conteúdo de Gabi Oliveira (@gabidepretas)



Fonte: elaborado pelos autores

Entre todas essas camadas, a categoria de maternidade e família emergiu como eixo central para compreender como a influenciadora produz

deslocamentos simbólicos em torno da maternidade negra. Seus vídeos registram afetos cotidianos – diálogos com os filhos, brincadeiras, momentos de cuidado e de aprendizagem – que tensionam representações coloniais e estereotipadas historicamente associadas às mulheres negras. Ao se mostrar presente, sensível e emocionalmente disponível, a criadora desafia as imagens de controle (Collins, 2019), que buscaram limitar a maternidade negra à servidão, ao trabalho e à negação do afeto.

A produção de sentido, em seu caso, está vinculada ao processo de adoção e à vivência da maternidade solo. A influenciadora mobiliza a categoria para narrar as particularidades de ter adotado dois filhos, bem como abre espaço para discutir tanto a dimensão afetiva quanto os desafios envolvidos nesse percurso.

Enquanto mãe negra solo, ela ocupa uma posição que permanece altamente tensionada na cultura patriarcal, que, como analisa hooks (2018), frequentemente estigmatiza lares chefiados por mulheres e questiona sua legitimidade diante da ausência de um “provedor masculino”. No caso de mulheres negras, tal estigma é potencializado pelo racismo, que adiciona camadas de suspeita, julgamento moral e responsabilização excessiva.

É nesse contexto que a influenciadora também incorpora à categoria aspectos da experiência racializada da maternidade, como episódio de racismo escolar, a importância da construção da identidade das crianças, a relação com o cabelo crespo e a necessidade de fortalecer a autoestima desde a infância. Articulando essas questões, a influenciadora demonstra que maternar enquanto mulher negra solo envolve enfrentar desigualdades estruturais que atravessam suas famílias, mas também afirmar práticas de cuidado, proteção e pertencimento que operam como resistência cotidiana. Assim, a categoria de maternidade, distante de ser apenas um registro íntimo, constitui-se como campo político de disputa e reinvenção da maternidade negra no ambiente digital.

Assim, Gabi Oliveira mobiliza sua presença digital para promover discussões que destacam reflexões e experiências específicas da maternidade negra. Para isso, recorre frequentemente a vídeos em que comenta situações

cotidianas, relata vivências pessoais e estimula debates a partir de múltiplas perspectivas. Um exemplo dessa prática ocorreu quando compartilhou os motivos que a levaram a retirar sua filha da escola, explicando o contexto e as etapas do processo (figura 1).

Figura 1 – Vídeo de Gabriela Oliveira sobre sua filha



Fonte: Oliveira, 2023

Conforme evidenciado na legenda, a influenciadora também direciona seus seguidores para o vídeo completo, publicado no YouTube, onde ela compartilha vídeos mais longos, como este, com cerca de 32 minutos de duração, e promove um debate mais aprofundado sobre o assunto em questão⁸.

Observamos que essas discussões desencadeiam uma série de comentários, nos quais internautas relatam experiências semelhantes, compartilham práticas adotadas em situações parecidas e expressam identificação com os dilemas apresentados pela influenciadora. Entre os comentários, aparecem também desabafos sobre episódios de racismo vividos

⁸ Disponível em: https://youtu.be/q5TvfeUfdo?si=yNUGv-Gvd_VLsdEq.

na infância, preocupações relacionadas ao ambiente escolar e manifestações de apoio emocional.

Esses retornos indicam como os conteúdos produzidos por Gabi acionam memórias, sensibilidades e vivências que ressoam de forma significativa entre mães, especialmente mães negras, e demais espectadores que reconhecem nas suas narrativas elementos de suas próprias trajetórias.

Essa rede de apoio mútuo, criada pela influenciadora em diversos vídeos, é essencial para a construção de um espaço colaborativo que promove o reconhecimento de opressões, a valorização de experiências maternas distintas e a desconstrução de discursos estereotipados e universalistas. Para María Lugones (2014), é necessário que a resistência à colonialidade de gênero seja realizada em dimensões coletivas, pois os indivíduos seriam configurados através do compartilhamento de práticas, cosmovisões e tempo-espacos. Em suma, “comunidades, mais que indivíduos, tornam possível o fazer; alguém faz com mais alguém, não em isolamento individualista” (2014, p. 949).

Ainda entre os conteúdos que compõem a categoria *maternidade e família*, destaca-se um vídeo em que a influenciadora aborda a relação entre maternidade e depressão. No material, também aprofundado no YouTube, ela descreve sua experiência de adoecimento mental enquanto mãe, além da preocupação com os impactos desse processo sobre os filhos (figura 2). A publicação mostra a escolha da criadora em trazer aspectos normalmente invisibilizados da experiência materna, escondido por expectativas romantizadas e pela ideia de que a maternidade deve ser vivida sob signos de plenitude.

Figura 2 – Vídeo de Gabriela Oliveira sobre depressão



Fonte: Oliveira, 2024

Quando situado na perspectiva proposta por Jurema Werneck (2016), esse tipo de relato pode ser compreendido dentro de um campo no qual o racismo é um fator estruturante das iniquidades em saúde que afetam mulheres negras. Isso significa reconhecer que falar de depressão materna, especialmente quando relacionada ao cuidado cotidiano e ao peso das responsabilidades, implica considerar dimensões raciais que historicamente foram silenciadas e invisibilizadas nos discursos públicos sobre a maternidade.

Esse silenciamento pode ser observado nos dados da pesquisa “Burnout Parental”, que indicam que mães negras vivenciam um esgotamento moderado a grave 21% maior do que mães brancas (B2Mamy; Kiddle, 2024). Nesse sentido, expressões de vulnerabilidade, tristeza ou sobrecarga não podem ser lidas apenas como experiências individuais, mas como parte de um cenário em que o adoecimento materno é intensificado por desigualdades raciais. Assim, o conteúdo produzido por ela contribui para tornar visíveis questões que, embora

pouco nomeadas, revelam a urgência de compreender questões sobre saúde mental materna, especialmente para mulheres negras, uma vez que as assimetrias estruturais sustentam determinadas dinâmicas.

Dessa forma, compreendemos que as abordagens da influenciadora são significativas para a construção de uma realidade na qual a diversidade de perspectivas femininas negras, especialmente as maternas, seja reconhecida e valorizada. Isso implica em propor novas narrativas que desafiam a representação estereotipada que historicamente moldou a percepção sobre as mães negras.

Ademais, dada a centralidade da temática em seu perfil, é comum que a maternidade também seja abordada pela influenciadora em outras formas de produção de conteúdo. O tema também é tratado por ela na categoria *publicidade*, no qual são estabelecidas relações entre seu conteúdo e o das marcas parceiras. Como nos lembra Karhawi (2017), as marcas se relacionam com os influenciadores digitais como uma estratégia de comunicação, visto que as parcerias as aproximam de nichos que se identificam com os conteúdos dos influenciadores, o que economiza esforços nos processos de “segmentação, identificação de público e construção de reputação no ambiente digital” (2017, p. 60).

Nesse sentido, foi realizado uma análise da representação apresentada em uma das ações publicitárias protagonizadas por Gabi Oliveira, cujo tema central é a maternidade. O vídeo selecionado pertence à categoria *publicidade*, e foram examinados tanto os elementos audiovisuais quanto os materiais textuais presentes em legendas e comentários. O processo adotado para análise, de caráter qualitativo, baseia-se na relação entre a representação observada e as fontes bibliográficas estudadas, visando compreender a transformação das narrativas que historicamente influenciaram a percepção da maternidade negra. Esse processo analítico contribui para o entendimento de como o poder simbólico das imagens nos meios de comunicação pode influenciar na construção de novos significados.

Figura 3 – Vídeo de Gabriela Oliveira para a marca O Boticário



Fonte: O Boticário, 2023

Inicialmente, é pertinente ressaltar que a inclusão de representações maternas negras na publicidade, especialmente quando estas adotam narrativas acolhedoras, pode ser considerada benéfica. Tal constatação decorre da persistente ausência de representação da maternidade da mulher negra no campo publicitário. Assim como Gomes e Nunes (2022) observam, a falta de representatividade de mães negras evidencia a invisibilidade dessas mulheres nos meios midiáticos, resultado do processo de desumanização previamente discutido.

A peça publicitária desenvolvida para a marca O Boticário (figura 3) aborda, do ponto de vista verbal, a relevância de redes de apoio ativas e presentes para as mães. O intuito é promover o sentimento de acolhimento e segurança na jornada materna da mulher mediante o suporte oferecido por aqueles que a cercam.

A mudança positiva na mensagem de apoio, no contexto da maternidade, sinaliza uma transformação do discurso socialmente estabelecido. O estereótipo

de mulheres negras, assim como de mães, caracterizadas pela superforça, resiliência e capacidade de enfrentar adversidades, passou a ser manipulado como uma imagem de controle para essas mulheres, considerando a distorção de um discurso que, em outro contexto, era de resistência. Essa representação serviu também para justificar, por exemplo, a “precariedade do sistema de saúde para mulheres negras grávidas” (Bueno, 2020, p. 94). Com isso, destacamos que a mensagem, fundamentada no incentivo ao apoio às mães, possui aspectos significativos na construção de novas representações e na desconstrução de expectativas irreais em relação ao papel materno da mulher negra.

Paralelamente, a peça inclui uma série de vídeos protagonizados pela influenciadora, nos quais ela interage com sua família e amigos, destacando momentos de afeto e lazer. Estes vídeos desafiam a percepção estereotipada e prejudicial atribuída às mães negras, que muitas vezes são associadas à agressividade e à violência. Contrariando a figura da matriarca, caracterizada pela hostilidade e ausência de relações afetivas (Collins, 2019), a peça marca momentos de atenção, cuidado e recreação, contribuindo no processo de humanização das dinâmicas da maternidade negra.

A peça enfatiza aspectos positivos da maternidade, adquirindo significados ainda mais profundos ao ser protagonizada por Gabi Oliveira, que contribui para tal humanização. Nesse contexto, observa-se a construção de narrativas que não se baseiam mais em definições externas, mas que reforçam visões progressistas das relações maternas, com imagens passíveis de identificação e empatia.

Com isso, é válido destacar que, através de diversos conteúdos, além de resistir aos discursos dominantes, Gabriela também promove o empoderamento por meio de sua autodefinição. Collins (2017) nos lembra que a autodefinição das mulheres negras ocorre pelo reconhecimento e valorização da consciência de suas próprias perspectivas, o que lhes permite resistir aos sistemas de dominação que desumanizam suas vivências.

3 CONCLUSÕES

Os desafios relacionados às identidades e às narrativas marcam construções históricas de invisibilidade e sub-representação para mulheres negras. Apesar do cenário moldado pelas consequências das estruturas coloniais, a resistência da maternidade negra é perceptível em diversos planos sociais, como evidenciado nas discussões dos dilemas maternos no ambiente digital contemporâneo.

As identidades culturais, como aponta Hall (2019), são marcadas pela politização, indicando processos contínuos de reinterpretações e redefinições identitárias. Como resultado dessa dinâmica, identificamos que as mulheres negras têm conquistado mais visibilidade na mudança de aspectos do imaginário midiático brasileiro, o que representa um movimento significativo de transformações em torno das narrativas.

À luz desse debate, os achados deste estudo revelam que os conteúdos produzidos pela influenciadora analisada introduzem deslocamentos importantes nas narrativas sobre a maternidade negra. A presença de afetos cotidianos, a politização da experiência materna, a discussão sobre racismo, as dinâmicas da adoção e da maternidade solo e a valorização da identidade racial das crianças indicam práticas discursivas que tensionam estereótipos historicamente impostos. Ao apresentar-se como sujeito ativo na construção de suas próprias narrativas, e não como objeto de representações externas, a influenciadora opera processos de autodefinição (Collins, 2019) que ampliam o repertório de maternidades possíveis na mídia brasileira.

A contestação contra os discursos que constituem a ideologia dominante e a objetificação da mulher negra, marca a reivindicação por representações que conferem humanidade e igualdade para as imagens dispostas na mídia. Nesse sentido, Gabriela Oliveira, em sua posição de influenciadora digital, traz espaços relevantes para que diálogos sobre a complexidade da maternidade sejam colocados na agenda de sua audiência, sugerindo um olhar reflexivo para os fenômenos sociais que dizem respeito à realidade das mães negras.

Como aponta Winnie Bueno (2020), é necessário construir noções distintas de maternidade e feminilidade negra, processo que se desenvolve a partir da subjetividade de mulheres negras e da recusa às imagens de controles. Para tanto, é fundamental a articulação de pontos de vista autodefinidos e o exercício constante de empoderamento e resistência. Para ela, resistir “a partir de locais próprios, independentes e não mediados pelas lógicas opressoras dos grupos dominantes que visam manter as mulheres negras em locais de subordinação é essencial para a sobrevivência e articulação de estratégias de transformação social” (2020, p. 143).

Por fim, embora o perfil selecionado tenha permitido aprofundar a discussão proposta neste estudo, reconhece-se que o recorte adotado, centrado em uma única influenciadora, pode não abarcar toda a complexidade desse fenômeno. Pesquisas futuras podem ampliar o corpus e incluir outras figuras que também produzem conteúdos sobre maternidade, raça e identidade, de modo a expandir a compreensão do tema e avaliar em que medida os processos observados aqui se configuram como uma tendência mais ampla no ciberespaço.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, M. Maternidades subalternas: ser ou não ser mãe nas epistemologias decoloniais e do feminismo negro. **Em Tese**, v. 19, n. 1, p. 87-107, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/83130>. Acesso em: 16 jan. 2024.

BARROS, A.; DUARTE, J. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

BUENO, W. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.

B2MAMY; KIDDLE. **Burnout Parental**, 02 set. 2024. Disponível em: <https://movimentomulher360.com.br/wp-content/uploads/2024/08/B2Mamy-e-Kiddle-Pass-REPORT-BURNOUT-PARENTAL-2024-compressed-2.pdf>.

Acesso em: 10 nov. 2025.

COLLINS, P. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, P. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>. Acesso em: 13 jan. 2024.

DAMACENO, N.; MENEZES, N.; MARCIANO, R. As representações sociais da maternidade e o mito do amor materno. **Perspectivas em Psicologia**, v. 25, n. 1, 2022. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/56484>.

Acesso em: 15 jan. 2024.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

ENSP-FIOCRUZ. **Nascer no Brasil**. Rio de Janeiro, 5 set. 2025. Disponível em: <https://nascernobrasil.ensp.fiocruz.br>. Acesso em: 10 nov. 2025.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, N. Mulheres negras e o espaço virtual: novas possibilidades de atuações e resistência. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 12, n. 40, p. 132-142, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/9429/6432>. Acesso em: 02 mar. 2024.

GOMES, I.; NUNES, P. Publicidade e expressões simbólicas da mulher na cena pública: das imagens hegemônicas à emergência de imagens discordantes. **Mídia e Cotidiano**, v. 16, n. 3, p. 112-134, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/55055/1/Artigo%20publicado_2022.pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HOOKS, b. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, b. Vivendo de amor. *In*: WERNECK, J.; MENDONÇA, M.; WHITE, E. (Orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000. p. 188-198.

JERÔNIMO, E. C. **Escrevivências digitais e (Re) invenções de maternidades negras**. 2023. 26 f. Monografia (Especialização em Educação das Relações Étnico Raciais) - Centro de Educação Aberta e à Distância, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023.

KARHAWI, I. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Communicare**, v. 17, p. 46-61, 2017. Disponível em: <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2017/09/Artigo-1-Communicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.

LEAL, M. et al. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00078816>. Acesso em: 10 fev. 2024.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>. Acesso em: 28 mai. 2024.

MACHADO, N.; COELHO, T. Maternidades negras na cobertura jornalística digital e possibilidades de fuga das imagens de controle. **Fronteiras**, v. 24, n. 1, p. 52-66, 2022. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/view/23982>. Acesso em: 15 fev. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Morte de mães negras é duas vezes maior que de brancas, aponta pesquisa. **GOV**, 23 nov. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/morte-de-maes-negras-e-duas-vezes-maior-que-de-brancas-aponta-pesquisa>. Acesso em: 26 mai. 2024.

O BOTICÁRIO. **Alguém aí se identificou com a fala da @gabidepretas?** Rio de Janeiro, 19 abr. 2023. Instagram: @oboticario. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CrO9Nkfo6Hr/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

OLIVEIRA, A. **Fêmea-matriz**: a maternidade em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

OLIVEIRA, G. **Oi, gente. Muita gente me perguntou o motivo de eu ter retirado a Clara Lua da escola, e nesse vídeo contei um pouco do processo que me levou a essa decisão**. Rio de Janeiro, 18 out. 2023. Instagram: @gabidepretas. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cyi5B4ROVxd/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

OLIVEIRA, G. **Há algum tempo, numa conversa com a minha mãe, comentei que hoje tinha entendimento que meu pai tinha passado por um período deprimido.** Rio de Janeiro, 16 jan. 2024. Instagram: @gabidepretas. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C2KJc_ouHE/. Acesso em: 19 jan. 2025.

OLIVEIRA, G.; VIEIRA, K. **Cartografia dos afetos:** uma conversa sobre vivências, descobertas e os caminhos do autoamor. Rio de Janeiro: Fontanar, 2022.

OYĚWÙMÍ, O. **Matripotência:** Ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [iorubás]. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Brasília, DF: Filosofia Africana, 2019. Tradução para uso didático. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_matripot%C3%Aancia.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 10 nov. 2025.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 3, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sausoc/2016.v25n3/535-549/>. Acesso em: 10 nov. 2025.